

## **Anistiado político: JUAREZ FERRAZ DE MAIA**

### **Data de nascimento:**

Eu sou Juarez Ferraz de Maia, sou natural de Itaberaí, tenho 61 anos de idade, sou professor na Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Eu sou jornalista de profissão e doutor em Comunicação pela Universidade de Paris.

Eu ingressei no movimento estudantil em 1965, através de pessoas de Itaberaí, que antigamente chamava Currálinho. Logo depois do golpe de Estado de 64 se estabeleceram vários grupos de discussão na JEC - Juventude Estudantil Católica, junto com Oscarito Ferraz Borges, Rubens Americano, Manoel de Lima. Depois de 65 eu vim para Goiânia e começamos uma discussão na JEC sobre o que fazer com o golpe de Estado. A nossa visão inicialmente era uma visão muito nacionalista e democrática de combate à ditadura. Posteriormente essa visão foi se alargando até que o Oscarito me apresentou o Francisco Pinto Motenegro, o Chiquinho Montenegro. O Chiquinho Montenegro teve uma importância muito grande na minha vida, na minha formação política; e foi através dele, e do Oscarito Ferraz Borges, que eu ingressei na Ação Popular.

Na Ação Popular, através de um parente meu muito conhecido em Goiás, o Honestino Monteiro Guimarães, que depois foi assassinado - nos anos setenta ele foi líder da União Nacional dos Estudantes, eu consegui ter uma visão mais ampla do que era a vida, a luta política, a luta de classes, as lutas sociais. E foi com o Honestino que eu tomei contato com o socialismo, as ideias libertárias, tudo isso. A Ação Popular na época tinha uma visão do mundo muito cristã do ponto de vista do universo que ela via. Ela tinha uma abordagem marxista do ponto de vista da sociedade, mas cristã do ponto de vista filosófico.

Ingressei na AP e aí encontrei vários colegas que hoje são muito conhecidos: Jackson, Rui, Rui Manoel, Chico Preto. E continuei tendo contato com Francisco Pinto Montenegro. A seguir tomei contato com uma figura que mudou completamente minha vida, que foi o Rabelão, tio do nosso amigo Rabelinho. O Rabelão me ingressa definitivamente numa célula da AP, e eu passo a ser definitivamente militante na organização com a possibilidade já de concorrer aos grêmios estudantis. Tiveram as primeiras manifestações de 1967, das quais eu participei. Depois participei de vários congressos da União Brasileira dos Estudantes. E depois desses encontros, conheci aquilo que é chamado os nossos grandes companheiros da época: Antônio Dela Corte, Lula, Olga, Alan Kardec, João Silva Neto, Olívio Vieira... Nós fizemos parte do movimento estudantil da época.

Infelizmente, por eu ter participado de várias reuniões em Ituaçu com o Rabelão, caiu uma célula da AP, eu estava em Belo Horizonte. Cheguei, sabia da minha procura pela Polícia Militar e pela Polícia Federal, me refugiei em Itaberaí e lá fui preso. Uma prisão muito complicada porque fui preso em praça pública, me amarraram, meu pai apareceu, teve um ataque. Foi um processo muito complicado. Amarraram-me, me levaram para a cadeia de Itaberaí e lá fiquei por um tempo até a Polícia Federal me trazer para Goiânia. Trouxeram-me aqui para a Rua 2 com Avenida Goiás.

## MILITÂNCIA

Em 1964 eu era um simples estudante em Itaberaí. O golpe mexeu conosco no sentido de que éramos um grupo de estudantes – Oscarito, Manoel de Lima, Ferdinando, Paulinho, e dois ou três professores que discutiam conosco a questão do golpe, o momento que o Brasil estava passando. Mas eu não tinha nenhuma participação política, era muito novo nessa época, devia ter mais ou menos 16 anos. A minha participação política foi posterior ao golpe. Foi 1965-1966 quando eu começo a militar na Juventude Católica e já no final de 1966, início de 67 é que começo a ter uma participação mais efetiva na Ação Popular. Eu tentei várias vezes os colégios públicos, não sei o que aconteceu, tive que ir trabalhar naquele momento e fui para o Fernando de Noronha, que era um colégio do Nion Albernaz. Era um colégio pequeno, eu estava à noite. Ali que nasce a militância na Ação Popular.

## A AÇÃO POPULAR

Nós tínhamos construído uma célula: o Jacson, o Rui, o Chico Preto, Alanito que hoje é do PCdoB lá em Recife, o Euler Ivo Vieira. Nós tínhamos uma célula e o coordenador era o Rabelão. Depois teve o Osvaldinho. Também participou conosco a Marilda. Nossas reuniões eram feitas na casa do Rabelão, do Omário, do Chico Preto... Eram reuniões clandestinas onde nós estudávamos as teses da Ação Popular, o que fazer naquele momento, a luta política, a importância de ganhar os grêmios estudantis, as entidades estudantis, os diretórios acadêmicos a fim de aparelhá-los na luta contra a ditadura e pelo socialismo. Interessante é que vendo hoje de longe a AP era um movimento muito progressista no sentido de que ela tinha uma visão muito ampla do mundo. Ela se fechou um pouco quando se definiu marxista-leninista porque a visão dela passou a ser muito focada na China. Seguiu os pensamentos do presidente Mao, e naquela época a gente estudava Os Pensamentos do Presidente Mao como se fosse a Bíblia. Lembro até hoje que o carro atolou, o Rabelinho começou a empurrar o carro, ele estava com Os Pensamentos do Presidente Mao debaixo do braço, o carro saiu do atoleiro, ele tirou Os Pensamentos do Presidente Mao debaixo do braço e falou, “o pensamento do presidente Mao é foda né”!? Então, tudo era o pensamento do presidente Mao. Acho que a AP se fechou no dia em que ela passou a seguir a China como ponto de partida ideológico. Ela tinha uma visão humanista-socialista muito bonita. Hoje você vê os documentos da AP, era muito progressista, muito libertária, muito revolucionária. Ela se amarrou a partir daquele momento justamente pela própria base que era cristã. E naquele momento o socialismo estava muito voltado a Cuba e União Soviética. E ela negava um pouco a União Soviética exatamente pela base cristã que ela tinha. Ela tinha uma plataforma política muito bonita que é válida até hoje do ponto de vista humano, socialista, democrático, mas se fechou naquele momento voltado para a China. Então, nós todos, militantes, seguimos o pensamento do presidente Mao que naquele momento era considerado a grande figura histórica para o movimento comunista internacional.

Quando tomo conhecimento que a AP estava enveredando por outros caminhos foi nessa época, 1967, o grupo Condor... Aí já vêm as manifestações de 1968 e já não dava tempo nem para pensar quem era quem porque era pauleira das manifestações de rua, das manifestações permanentes; as panfletagens quase que diária contra a ditadura. Aí todas as frentes de luta, PC, AP, Polop, eram os três principais na época, PCdoB praticamente não existia – existia o grupo do Marcantônio, Tarzan de Castro, mas naquele momento o PCdoB não era forte.

Naquele momento, eu pessoalmente, começo a tomar conhecimento de que era preciso mais do que aquilo que estávamos propondo fazer. É então que aparece o grupo do Marighela, rompe com o Partidão, e aparece aqui em Goiânia. E começamos a conversar com ele no sentido de partir para outra. Mas, antes dele, aparece o grupo liderado pelo capitão Lamarca, do Valpamares, e, pela influência do Rafa, eu fui para esse grupo. Então, a AP para mim fica longe porque ela deixa de ter a importância dela e não tem um perfil do papel que ela deveria seguir. Ela foi esfacelada nas várias tendências que tinham propostas mais claras do que ela.

## **PRISÃO**

Eu fui preso pela primeira vez em 1967. Depois fui preso junto com o Marcantônio Dela Corte. Naquele momento eu estava no grupo Condor em Goiás. Grupo Condor era uma célula do Partidão que queria se abrir para o movimento estudantil sem dizer que era célula do Partidão, mas com amplas possibilidades de discussão com a juventude, principalmente na luta pela preservação da Amazônia. Inclusive essa prisão junto com o Marcantônio Dela Corte, o nosso processo, é todo em função disso, pela defesa da Amazônia, contra os grileiros internacionais. Era um manifesto extremamente atualizado. Eu estava lendo um processo que consegui no Superior Tribunal Militar, era uma luta pela defesa dos interesses nacionais. Esse grupo Condor, que era dirigido pelo professor Izu, tinha mais militantes do Partidão, mas também tinha da AP. Era um grupo aberto. Nossas lutas eram pela denúncia contra as grilagens de terra na Amazônia e em defesa da integridade da Amazônia. Eu e Marcantônio Dela Corte fomos presos na rua em 1968 distribuindo esse panfleto.

O delegado na época teve uma reação interessante. Disse que não tinha motivo para nos prender, mas como os autos já tinham sido feitos, e estávamos presos legalmente, ele não podia mandar nos soltar e nos mandou para a Polícia Federal. Ele teve uma reação muito interessante em relação ao documento (panfleto). Não lembro os detalhes, lembro que ficamos olhando um para o outro e pensamos que seríamos soltos ali. Mas tivemos um processo no qual fui condenado a 8 meses de prisão. Inclusive, teve um ministro do Superior Tribunal Militar que justificou o voto dele a nosso favor pela defesa e pelo nacionalismo do manifesto que tínhamos soltado na época.

Em 1967 teve uma manifestação em Goiânia, com a participação do Dr. Samir Hérou que redigiu um manifesto lançado na Faculdade de Direito, na Rua 20, contra a utilização do dispositivo intrauterino da maneira como estava sendo feita para o controle de natalidade na região amazônica. Então, há 40 anos já se falava nessa questão, mas não tinha a dimensão que tem hoje. Mas nós temos um processo por causa da defesa da Amazônia com um laudo interessante.

Eu estava confinado em Goiânia, não podia sair daqui. Aproveitei o nosso julgamento, meu e do Marcantônio Dela Corte, e pedi para ser julgado em Juiz de Fora e aproveitei para fugir e caí na clandestinidade.

## **CLANDESTINIDADE**

Eu saí de Brasília. Deram-me dinheiro para ficar no Rio um dia. Perguntei, e se acontecer alguma coisa? Lembro-me de que o Rafa falou: você acha que a organização vai deixar um

companheiro na rua? Eu fui para o Rio de Janeiro sem nunca ter ido lá antes. Lá me deram um contato no restaurante Espaguetolândia. Tinha uma senha; a pessoa, que era a Maria Auxiliadora, depois se suicidou em Berlim, não aguentou o exílio. Ela tinha um encontro comigo e não apareceu. E o ponto posterior era onze dias depois. Eu sem dinheiro, sem nada, sem conhecer ninguém no Rio, procurado pela polícia, clandestino, sem poder voltar para Goiás, comecei a perambular pelas ruas do Rio de Janeiro até um dia em que não aguentava mais. Eu marquei um prédio em Copacabana, entrei no prédio, apertei a campainha de um apartamento no 5º andar. Apareceu uma senhora carioca, gordinha. Eu disse para ela: minha senhora, estou passando muito mal, estou morrendo de fome; meu pai é do interior, estou aqui para estudar, não mandaram minha mesada, estou muito mal e queria que me desse um prato de comida. Ela fechou a porta. Eu já não tinha para onde ir, estava a não sei quantos dias andando sem comer. Desesperado, sentei na porta e fiquei sem saber o que fazer. Depois ela (dona Ângela) apareceu na porta com um prato de comida na mão. Comi em um minuto. Ela me deu um litro de água, tomei o litro de água e ela me mandou entrar. Entrei e ela me serviu de novo um bife enorme com ovo. Eu transpirava feito um desgraçado de tanto comer. Depois ela me disse: sabe meu filho, a vida é assim mesmo, tem muita dificuldade, também já passei por muitas dificuldades. Na hora eu a agradei e ela estendeu a mão e me deu, sei lá, uns dez cruzeiros, dava para eu sobreviver uns quatro dias tomando café com leite no Rio de Janeiro. No quarto dia já estava andando de novo sem dinheiro no Rio de Janeiro, de repente encontro o Bernardo Joffily que era do movimento estudantil, do comando da UBES, hoje é PCdoB. Ele pergunta como eu estou e eu respondo que estou mal – ele continuava na AP, era marxista-leninista e depois foi para o PCdoB. Eu contei a história para o Bernardo Joffily e ele falou que arrumaria um contato para mim. Entretanto, arrumaria um lugar para eu ficar no Rio. Levou-me para um cortiço no centro do Rio de Janeiro – um lugar ótimo, cheio de marginais, de estudantes com IPMs, doidos, hippies, maconheiros estava todo mundo lá. Mas eu tinha um lugar para dormir, pelo menos. Ele me deu um dinheirinho, consegui ficar nesse lugar e consegui, então, que alguém que fizesse um contato para mim. No décimo primeiro dia eu andei a pé uns três quilômetros para chegar ao ponto. Lá já estava a Maria Auxiliadora, eu não a conhecia, mas tinha a senha. Ela disse: o companheiro está atrasado há 10 minutos. Eu respondi, e você está atrasada há onze dias. Aí contei a história para ela, ela quase chorou. Então, o início do meu período de clandestinidade foi um período difícil. Depois foi a adaptação no Rio de Janeiro, com nomes falsos: Roberto Santa e Silva, José Carlos não sei das quantas... Tinham vários nomes.

Uma vez eu encontro no Rio de Janeiro, Leo Lince. Estava andando na rua e dou de testa com Léo Lince. Ele estava meio desesperado porque a casa onde ele estava caiu. Ele foi entrar na casa dele e viu a vizinha que nunca tinha olhado para ele, piscando para ele. Ele viu que tinha alguma coisa. Aí ele estava com uma roupa na mão, estava chegando do alfaiate, fez que estava tocando a campainha do vizinho. O pegaram, questionaram o que ele estava fazendo lá e ele disse que era da lavanderia. Soltaram-no. Depois ele foi descobrir que o aparelho dele tinha caído.

Depois disso, me integrei na organização e passei a fazer treinamento militar no Rio de Janeiro. Fiz treinamento militar: explosivo, tiro ao alvo, assalto a banco, essas coisas básicas; prisões de personalidades, essas coisas que hoje a gente tenta esquecer. Por exemplo, era véspera do 1º de maio no Rio de Janeiro, tinha uma grande fábrica na Avenida Deo Castilho e queríamos fazer uma panfletagem na fábrica. Aí tomamos militarmente a fábrica inteira.

Ocupamos as entradas e saídas e panfletamos dez mil panfletos na fábrica na vizinhança. É lógico que cinco minutos depois estava lá o Exército inteiro em cima da gente.

No dia que mataram Marighela nós fizemos uma ação muito grande no centro do Rio de Janeiro, panfletamos tudo. Fizemos várias ações de panfletagem. Eu participava mais dessas ações de panfletagem, mas armada mesmo que era para segurar a barra. Depois, na minha casa no Rio de Janeiro, aconteceu um fato extraordinário que até hoje não sei explicar. Só a Divina Providência é quem sabe explicar. Minha casa era a quarta ou quinta casa num subúrbio do Rio de Janeiro, um lugar onde a gente guardava documentos falsos, carteira de identidade, certidão de nascimento, placa de carros, munição, várias coisas; era um aparelho bem pesado. Nós tínhamos o teto de até 10 horas da noite para chegar em casa. Eu tinha muitos amigos no Rio de Janeiro, sempre tentava fazer amizades. Por causa do sotaque que era muito forte, inventei que era de uma cidadezinha de Minas Gerais que acho nem existia. Era São Cristóvão, subúrbio barra pesada do Rio. Ali tinham os estivadores que eram meus vizinhos. Tinha uma filha de um dos estivadores que ia fazer 15 anos naquele dia, e ele insistiu para que eu fosse à festa. É lógico que não podíamos passar das dez horas. Acontece que lá pelas sete eu já havia bebido umas três caipirinhas e esqueci completamente do tempo. Des horas da noite eu não estava bêbado, estava 'trêbado'. Arrumei lá uma namorada, fui dormir na casa dela e esqueci completamente do resto do mundo. Deu um branco na minha cabeça. Acordei cinco e meia, seis horas da manhã e lembrei-me da tragédia que estava cometendo na minha vida, principalmente com meus companheiros. Vesti a roupa rápido e saí. Era perto dali uns três, quatro quarteirões. Quando estava descendo para casa, vi os caminhões do Exército passando, furgões da Polícia Militar e muita gente na rua. De longe ouvia o tiroteio. Perguntei para as pessoas que estava ali o que estava acontecendo e a resposta era: ah são uns terroristas que moram ali; ah, são os comunistas do MR-8 – lá no Rio tudo era MR-8. De repente fiquei sabendo que a casa já havia caído há muito tempo e eles ficaram esperando a última pessoa chegar para invadi-la, mas como deu seis horas da manhã essa pessoa não chegou, eles invadiram a casa. Quando vi fiquei com muito medo das pessoas me entregarem porque elas me conheciam, sabiam que morava ali. Passou um táxi, o motorista se recusou a me levar. Coloquei uma pistola na cabeça dele e ele voou comigo para Copacabana achando que era assalto. Quando chegamos a Copacabana quis pagar o cara, mas ele não quis aceitar não.

Depois fiquei sabendo pelo Jornal do Brasil que o Marcos Torres tinha sido assassinado; dois colegas foram baleados e depois mortos na prisão. Daquela casa só eu escapei por inteira irresponsabilidade. Imagina, se eu não tivesse tido aquela farra naquela noite, estaria morto. Depois o Jornal do Brasil noticiou que eu tinha escapado miraculosamente de lá, até usaram a palavra em italiano. Ninguém sabia como eu tinha escapado (mal eles sabiam que eu estava namorando).

Depois participei dos grupos de defesa; em seguida passei a integrar aquelas brigadas revolucionárias de panfletagem, que eram uma loucura. Aí, a minha volta meus companheiros foram caindo, caindo, caindo, caindo... Dos que estavam na casa, morreram três; depois morreram mais quatro; outros foram presos. Eu fui escapando desse processo todo, graças a Deus. Até que um dia, na passagem de 1969 para 1970, estava num desespero. A casa tinha caído, não tinha lugar para dormir, a outra casa que eu estava também tinha caído e me avisaram para não voltar. Estava só com os documentos e o dinheiro que estava no bolso. Fui para a praia de Copacabana e entrei na fila para um passe. Foi uma coisa muito interessante

porque quando chegou a minha vez o pai de santo teve uma espécie de convulsão, me abraçou e disse que eu estava correndo sério risco de vida. Falou que eu estava muito carregado e que tinha que dar um jeito em mim. Até fiquei com medo. Ele me tirou daquela fila, me colocou de lado, me entregou para outro pai de santo. Deram-me uns passes, uns conselhos, mandaram tomar cuidado porque não era hora da minha passagem, mas eu podia perder muito de mim e das pessoas que estavam a minha volta; que eu ia fazer muito mal ia ser uma coisa muito ruim. Nunca me esqueço disso. A partir daquele momento minha cabeça muda um pouco porque pessoas que eu nunca vi me falam aquelas coisas... É impressionante. Aí fizeram vários passes, tiraram minha camisa, deram um banho em mim, depois me deram um banho de fumaça de charuto, mandaram eu me ajoelhar e fazer o pedido que eu quisesse. Fiz o pedido. Pediram que eu jogasse umas flores no mar, eu joguei; aí falaram que eu poderia ir porque já estava bem. Eu pedi para não ser preso e que se fosse para ser preso que fosse morto para não ser torturado. Nós sabíamos que naquela ocasião uma prisão significa tortura intensa, dramática, uma morte por torturas. Então, meu pedido foi esse.

No dia seguinte encontro com o Luís Ceguim, de Goiânia. Ele me encontra em Nossa Senhora de Copacabana e diz assim: oh Juarez, estão procurando por você, você viu você no jornal? Diz que você é terrorista, que história é essa? Eu comecei a rir. Ele daquele jeito dele, com aqueles óculos enormes, me abraçou e perguntou o que estava acontecendo. Eu falei, nada. São aquelas perseguições lá de Goiânia que você já sabe. Aí falei que não tinha para onde ir, nem lugar para dormir, nada. Ele me levou para a casa dele. Perguntei se ele sabia o risco que estava correndo. Ele respondeu que o máximo que aconteceria é que dariam uma sova grande nele, que descobririam que ele não era comunista e o soltariam; que eu não me preocupasse. Fiquei na casa do Luiz Ceguim até retomar de novo.

Fui para mais umas duas casas que caíram. Outros companheiros morreram e já era tempo de jogar o chapéu, já não dava mais. Aí veio o sequestro do embaixador alemão, suíço... Daí para frente você já podia contar nos dedos da mão quem havia sobrado. Fiquei doente. Veio um processo complicado que foi uma espécie de paralisção do meu intestino (isso carrego comigo até hoje) por causa da tensão nervosa que a gente vivia. Essa tensão foi muito grande. Foi quando resolvi pedir para ir embora. Todo mundo, também, já não queria que eu ficasse porque a situação já estava muito complicada. Deram-me dinheiro, um passaporte falso e fui para o Chile.

Nunca tive problemas para viver com documento falso. Assumia aquela personalidade na hora, em cinco minutos eu já era o fulano. Nunca anotei um telefone, tinha todos de cabeça. Mas me aconteceu um fato quando saí do Rio de Janeiro para São Paulo. Encontrei o Honestino Guimaraes e o José Carlos Mata Machado, que estavam saindo da AP para o PCdoB. Os encontrei na rua, por acaso. Chamaram-me para ir para Guerrilha do Araguaia e eu disse que não, já tinha dado a contribuição que tinha que dar, que estava muito doente, não aguentava mais. Dali fui para Porto Alegre. Em Porto Alegre eu ia pegar o ônibus da meia noite para Montevideú. Estava por ali circulando e compro o Zero Hora. Leio uma notícia dizendo que a Polícia Federal havia desbaratado um grupo que vendia passaportes e documentos falsos para subversivos e terroristas. A matéria trazia os números dos passaportes falsificados e o meu estava no meio. Volto para trás, de novo procurado. Depois saí com carteira de identidade falsa.

Tem um site que se chama Amigos de 68. Para entrar nesse site tem que ser apresentado por alguém. Lembro que quem me apresentou foi uma moça do Rio de Janeiro. Outro dia entrei e tinha lá uma lista de pessoas que foram propostas. Vi lá 'Sueli Coe Vieira'. Escrevi para o site e falei que a Sueli poderia entrar porque ela havia me guardado em sua casa durante muito tempo. Falei que hoje ela deveria ser médica, que nos ajudou muito e que nunca mais a havia visto depois que fomos embora. Depois ela me escreveu querendo saber meu endereço. Hoje é médica no Rio de Janeiro. Vou visitá-la no final do ano. É daquelas coisas que vão acontecendo e você vai sabendo depois. Então, fiquei em várias casas de pessoas amigas que na época eram chamadas de simpatizantes.

O movimento armado praticamente já havia sido dizimado. Eu fui um dos últimos a sair daqui.

## EXÍLIO

De Montevideu fui para Santiago no Chile. Para mim, o Chile foi uma das coisas mais bonitas que aconteceu na minha vida. No Chile eu descobri a América Latina. Quando falo descobri a América Latina, não estou falando da geografia, estou falando da cultura da América Latina – um povo que a gente vive muito distante dele. Os brasileiros sempre olharam para a Europa, para os Estados Unidos, mas nunca olharam muito para nossos vizinhos. Na universidade onde eu estava tinha nicaraguense, porto-riquenho, hondurenho, panamenho, argentino... E as manifestações de rua no Chile eram muito frequentes. Eu comecei a descobrir a América Latina - os escritores, as músicas, o vinho; a quiche, que é uma bebida chilena horrorosa que quase mata a gente; o pisco, que é uma bebida maravilhosa, mas se você tomar três, quatro copos você morre, no outro dia cai duro. Fui descobrindo coisas, o estilo de vida do povo latino-americano. O Chile para mim foi uma descoberta. Estudava na Universidade Católica e trabalhava numa empresa de publicidade que alguém do Partido Socialista havia arrumado para mim e ingressei no Partido Socialista. Era um militante ativo do Partido socialista chileno, daqueles de carteirinha. O Partido Socialista chileno é um partido social democrata que existe desde o século XIX, que tinha uma base republicana do ponto de vista filosófico e que, a partir dos anos cinquenta, foi radicalizando um pouco mais. Tem uma tendência marxista muito forte e foi o grande apoiador de Cuba e dos movimentos revolucionários da América Latina, mas sempre pela via legal. A direita chilena é uma direita imperial, se acha inglesa. Por isso que o Pinochet teve a imprudência de ir para a Inglaterra, ela se achava inglês e que lá nunca iria acontecer nada com ele. César Maia era nosso colega. Ele jogava no nosso time de futebol. O Rafa era o capitão do time, eu o goleiro; e o César Maia era o mais briguento. Tinham conosco vários desses famosos que estão hoje no poder. Era muito bom. Marco Aurélio Garcia... Bom não vou falar não (risos). Ele era muito pernóstico, usava cachimbo e tinha uma maneira de falar e tal...Hoje quando eu o vejo na presidência levando umas bordoadas eu quase morro de rir. Conheci o Zacariotti lá. Ele era casado com uma chilena, mas a gente quase não se encontrava, tinha uma diferença de idade. Tinha o Jorge Michel, que também era casado com uma chilena e a gente se encontrava na casa do Zacariotti, do Michel. Então, tinham essas figuras todas.

Eu participava de uma brigada socialista composta por duzentos homens que seriam aqueles que estariam no centro de Santiago no caso de defesa do palácio do presidente. Faziam parte desse grupo comigo, o Rafael de Falco, que era militante da ELN; o Mateus e vários outros companheiros brasileiros. Era um grupo de dez - cinco brasileiros e cinco chilenos. No dia do golpe, às 5 horas da manhã, veio o alerta dizendo que a Marinha já havia tomado Valparaíso e

nós tomamos nossas posições. Nós tínhamos a nossa posição, local, onde chegar, tudo certinho. Primeiro fomos pegar nosso material de defesa e ataque, dois carros. Fomos à casa do chileno pegamos as ferramentas, o armamento, saímos nos carros, mas não conseguimos nem chegar ao meio do caminho. Isso já devia ser umas nove horas da manhã. Os helicópteros já estavam bombardeando a gente, cercando o local onde estávamos. Dali para frente havia duas posições, a dos brasileiros e a dos chilenos. Eu fiquei com os chilenos. A posição dos chilenos era de que não tínhamos munição para enfrentar aquilo, era melhor pararmos por ali. E a os brasileiros que achavam que não, que tínhamos que enfrentar. Mas no meio daquela discussão na rua, carro parado, tiroteio, confusão, bombardeio um tanque começou a bombardear a gente. Aí foi cada um por si e Deus por todos. Fiquei com dois chilenos. A gente conseguiu romper uma barreira do Exército. Já estávamos cercados, não tinha jeito. Quando eu falo cercado, era assim o caos absoluto; eles estavam matando indiscriminadamente. Já tinham nos identificado como foco de resistência - não só nos os dez, mas os outros companheiros que também já estavam se dirigindo para o local; outros populares que tentavam resistir com o que tinham nas mãos, um caos total e absoluto. Nós conseguimos escapar, jogamos fora todo aquele armamento no Rio Mapoche – uma tristeza jogar todo aquele armamento fora para conseguir escapar. Aí fomos para a casa de uns amigos meus que eram franceses e lá, também, desfizemos das coisas. Dali eu fui para a casa de outro francês. E um jornalista do jornal Le Monde, Pierre Calfon, ligou para a casa onde eu estava e disse para a gente entrar na embaixada do México há tal hora. Eu fui de terno e gravata no banco de trás do carro, com um francês dirigindo o carro da embaixada da França. A senha era quando a polícia chilena da embaixada fizesse assim (movimento de passar os braços um na frente do outro, fazendo um xis no ar), eu tinha que pular o muro. Só que naquela hora eu ia pulando o muro errado. Ouvi alguém gritando, Juarez, Juarez, Juarez... Quem era? Era o Athos Magno. Lá dentro estava o Athos Magno, o Athos Pereira, o José Eduardo dos Santos, a Dagmar, irmã dele; o Armandinho, várias pessoas estavam ali na embaixada do México. Éramos duzentas e sessenta e uma pessoas dentro de uma casa como esta aqui. Ficamos ali até o dia 23 de setembro, quando o governo chileno deu o alvará de salvo conduto. Então os embaixadores da Índia, Noruega, Suécia, Suíça foram lá com ônibus buscar a gente. Já era meia noite. Fomos escoltados até o aeroporto. O presidente do México tinha mandado o avião presidencial dele nos buscar. Havia ali vários ministros chilenos, a viúva do chefe da polícia do governo chileno que havia sido assassinado, o diretor da Rádio Nacional do Chile; tinham grandes personalidades, muitos sandinistas que depois tomaram o poder na Nicarágua. No aeroporto eles (o exército) levaram os embaixadores para uma sala, separaram vários para o lado e começaram a metralhar a gente com festim – foi um festival de loucura aquele dia. Finalmente conseguimos entrar no avião. Quando o avião subiu o piloto disse em castelhano: “o presidente da dos Estados Unidos do México dá boas vindas a vocês e vamos servir uma bebida tradicional.” Eu lembro que o José Eduardo estava do meu lado e começamos a tomar Tequila; sal, limão, Tequila. Acho que todo mundo chegou bêbado na cidade do México, ninguém estava parando em pé. Aquela alegria de sair daquele sufoco, daquela tragédia, daquela angústia.

No México a vida começa de uma maneira diferente. Do México eu vou para a Bélgica. Na Bélgica eu termino o curso de jornalismo. Depois já não podendo voltar para o Brasil, em 1976, 77, vem a independência dos países africanos: Angola, Moçambique em 75. Eu fiquei com muita vontade de ir para Moçambique – José Eduardo dos Santos vai à frente, ele vai no final de 1976 e depois manda me buscar dizendo que tinha arrumado um lugar para mim. Fui e assumi um lugar importante como diretor de comunicação do governo de Moçambique, do presidente Samuel Machado. Para mim foi uma experiência maravilhosa, outro povo, outro



mundo. A Europa é muito boa, mas para você passear, ir lá ficar um mês, dois meses. A África não, a África é como o Brasil - o calor, aquele povo risonho, muita miséria, mas você se sente bem no meio daquele povo. A ida para Moçambique não foi a ida para um país, foi fazer aquilo que você sonhou a vida inteira. Primeiro, criar o socialismo em determinado país; segundo, criar uma nação; era um desafio criar uma nação. Moçambique tinha um ano e pouco de independência e você tinha que criar o Estado moçambicano. Na verdade não era a nação, a nação já existia. Era criar o Estado, a organização do Estado: administração, a saúde, a educação, as forças armadas, a polícia, o cartório. Tinha que organizar tudo num país que tinha saído do colonialismo.

Eu começo a trabalhar num posto privilegiado como diretor de comunicação do governo. Naquele posto consegui fazer um projeto das rádios comunitárias de Moçambique. Depois criei o Instituto de Comunicação Social, que é a maior obra da minha vida. A gente só tem a oportunidade de fazer uma obra dessas de cem em cem anos. O Instituto era responsável pelas rádios comunitárias. Depois criamos a televisão de Moçambique e, assim, sucessivamente, vários órgãos de comunicação. Nessa área em Moçambique, profissionalmente eu tenho uma passagem muito boa. Conheci cento e dezenove aldeias do país. Viajei o país todo, e depois vivi um drama muito grande que foi a independência dos países vizinhos. Porque quando Moçambique torna-se independente o jogo de xadrez na África muda completamente com Angola e Moçambique. A União Soviética de um lado, os Estados Unidos do outro. Os Estados Unidos apoiando a África do Sul, o apartheid, e apoiando a Rodésia do Sul. Moçambique começa a apoiar o movimento de libertação do atual Zimbábue. Moçambique joga cinco mil homens dentro do Zimbábue, o Zimbábue fica independente e muda completamente o xadrez. E Moçambique, junto com Angola, apoia a independência da Namíbia e apoia definitivamente o congresso africano de Nelson Mandela. Se não existisse Moçambique e Angola, Nelson Mandela teria definitivamente morrido na cadeia. A geopolítica na África nessa região muda completamente. E Moçambique, junto com Angola, começa a ter um papel importante na organização da unidade africana e no xadrez da geopolítica internacional, fazendo com que os países fossem não alinhados. Foi nesse momento que os países não alinhados tiveram uma força muito grande junto com o Nehru da Índia; Nasser, que tinha sido morto, que tinha criado o movimento não alinhado. A geopolítica muda completamente na África com Moçambique e Angola. E finalmente Nelson Mandela sai da prisão em 1990, e em 1994 ele já é presidente. Tudo isso tem um efeito. Uma peça que mexeu, mexeu em todas. Aí se cria na região os Países da Linha da Frente: Angola, Moçambique, Tanzânia, Zimbábue, Zimbábue - que na época era muito poderoso economicamente, para enfrentar o poder do imperialismo na região.

A ida a Moçambique não foi apenas um sonho; foi criar um Estado e participar da criação de uma geopolítica que eu nunca imaginei na minha vida participar de um jogo de xadrez daquela envergadura; e participar ativamente como homem de Estado. Com a independência do Moçambique, no jogo de xadrez internacional, a África do Sul junto com os Estados Unidos criaram o movimento de resistência a Moçambique. Era um movimento de resistência sem um pensamento político. Porque você pode ser de direita, mas ter um pensamento político. O movimento da Renamo era um movimento que não tinha uma filosofia política. Foi um movimento de desestabilização: ponte, escola, infraestrutura, cortar orelha, mão, pé das pessoas, era desestabilizar mesmo. Então, Samora morre no auge dos conflitos. A partir da morte de Samora começam as negociações com a Renamo. Moçambique tinha infiltrado na África do Sul uma quantidade de gente, pressão internacional... Um dia a história vai reconhecer a importância dos países nórdicos para os movimentos de libertação da África e da luta pelo progresso no mundo. Dinamarca e Suécia foram decisivas em relação a

Moçambique. Depois você tem a União Soviética que fez, digamos, o aporte militar. O aporte militar foi muito grande: formação dos oficiais, academia militar, treinamento no armamento sofisticado e transformar aquele bando de guerrilheiros em soldados regulares num exército de pelo menos 30 mil homens. Eu falo sempre dos países nórdicos porque eram países capitalistas, mas eles tinham, eles têm uma posição em relação à África que são as melhores que já vi na minha vida até hoje. Eles não tinham o ranço da União Soviética, ela é muito cheia de ranço. Eram mais soltos na análise deles, mas sempre fiéis ao pensamento de independência, de liberdade. E apoiaram Moçambique, principalmente, na área do desenvolvimento.

Do ponto de vista africano, quem teve uma importância no pensamento da libertação da África é Corno Crumpler, do Gana. Ele foi destituído do poder pelos ingleses, mas tinha uma visão mais ampla, mais aberta, menos sectária em relação à África. O Lumumba teve uma importância mais para fora do que pra dentro da África. O assassinato dele praticamente ficou restrito a alguns apoiadores dele que era o Kabila, que depois tomou o poder do Mucutu. Vem tudo da época do Lumumba. E depois vem Argélia. Todo mundo que hoje está no poder na África pelos movimentos de libertação foi treinado na Argélia, inclusive Nelson Mandela foi treinado lá. A Argélia foi muito importante para a África negra. A independência da Argélia para mim é uma coisa que marca o antes e o depois para o movimento de libertação. Samora Machel, Agostinho Neto toda essa gente treinou na Argélia. Eles não iam para Cuba, nem para a União Soviética, eles iam treinar na Argélia. Só depois da tomada do poder que os oficiais da guerrilha iam para a escola militar em Moscou. Você pode ver a influência da Argélia em toda a região.

Em 1979, eu estava criando o Instituto de Comunicação Social em Moçambique e não tive coragem de voltar para o Brasil naquela época. Vim cá no fim de 79 para regularizar minha situação documental. Regularizei e voltei três meses depois. Lá fiquei até 1987, quando consolidei a criação do Instituto de Comunicação Social. Em 1987 volto para o Brasil definitivamente. Porque volto para o Brasil? É uma coisa complicada porque eu estava muito bem em Moçambique do ponto de vista ideológico, do ponto de vista político, do ponto de vista financeiro. Eu estava muito bem, mas havia sempre aquele peso nas costas de quem era exilado querendo voltar um dia para a sua terra. Então voltei e fiz um concurso para a UFG em 1987.